

O INIMIGO

Enfim um jornal anarquista Março/Abril de 1988, nº 22, Cz\$ 50,00

DOREI



VOTE NULO
NÃO SUSTENTE PARASITAS

MAIO DE 88,
O QUE
ESPERAR?

Págs. 6 e 7.

A
DITADURA
DE KADAFI
pag. 5

A verdade ou a imprensa burguesa

Cláudia Hauy — GAJO

Todos os sábados, às 16 horas, o Centro de Cultura Social/SP promove palestras sobre os mais variados temas. No dia 12 de dezembro último, a palestra foi sobre o Movimento Punk. Nesta, além do público habitual, ou seja, os anarquistas, estavam presentes alguns punks e um repórter do Jornal do Brasil que pretendia fazer um artigo a ser publicado no domingo, dia 19 de dezembro.

Todos os presentes sabiam e comentavam que provavelmente aquela reportagem, como quase todas as feitas pela grande imprensa, sairia completamente distorcida. Os punks ainda se dispuseram a um papo com o jornalista depois da palestra e uma das ouvintes ainda advertiu, em diversos momentos, sobre as freqüentes distorções nas reportagens sobre punks e sobre o caráter pejorativo dado ao movimento nas matérias de jornais como o JB e O GLOBO. Apesar disto, o pessoal resolveu apostar. Tudo correu normalmente. O fotógrafo fotografou, o jornalista fez uma ou duas perguntas totalmente idiotas, demonstrando toda a sua ignorância sobre o assunto e... a reportagem saiu, é óbvio, distorcida em vários pontos.

O cara, ou é surdo ou burro e não entendeu nada, ou então foi realmente muito sacana. Com certeza, tudo isso junto. O jornal já manda um cara que não entende nada do assunto justamente porque não interessa passar a imagem real do anarquismo nem do Movimento Punk. Isto porque ambos têm propostas sociais e políticas anti-capitalismo, militarismo, apartheid, nuclear, autoritarismo e governo. Isto, é claro, vai contra um jornal como o JB, direcionado à classe dominante residente na Zona Sul do Rio de Janeiro. O Jornal do Brasil consegue ser o cúmulo do elitismo, radical-chic por inteiro, sem nenhuma identificação com quem não pertence às classes economicamente superiores.

A BOMBA

Na reportagem, o "competente profissional" Fernando Granato afirma que Falcão, o palestrante, vocalista da banda excomungados e estudante de História na USP (um dos poucos punks que conseguiu, a muito custo, chegar a uma universidade) disse "vamos sair daqui agora e explodir o Consulado da África do Sul, na Av. Paulista" e nesse momento alguns dos presentes, anarquistas, sociólogos e o público em geral foram embora. Não aconteceu nada disso. O que Falcão falou foi que no caso de haver uma revolução, o primeiro passo seria jogar uma bomba no referido consulado como forma de demonstrar que somos contra o apartheid e as negociações com a África do Sul.

A palestra estava tão interessante que du-

rou quatro horas. Só lá pelas 19 algumas pessoas se retiraram, creio que pelo tardar da hora. De fato isto ocorreu antes de se falar em bombas no consulado e não, como afirma o repórter, em sinal de protesto.

É um absurdo um jornalista manipular os fatos desta maneira. Isto pra não falar em outras observações como: "Bakunin, que foi o principal teórico do anarquismo"... que demonstra a ignorância do cara, pois o anarquismo não tem líderes ou Bíblias Sagradas. Além disso, as distorções de relatos sobre a ação da polícia sobre os punks, tomadas pelo jornalista (profissionalmente, um merda) como acontecidas com o próprio Falcão, colocando aspas quando ele disse que "a polícia me obrigou a dizer Heil Hitler". Isto, pelo que Falcão e eu ouvimos, não aconteceu com ele e sim, com outros punks, até porque ele usa a tão questionada suástica. Este símbolo é utilizado pelos punks como negação ao nazifascismo, é uma maneira de mostrar que ele vive e desmascará-lo na social-democracia WASP, a qual, os punks, por serem marginais aos seus padrões, rejeitam.

Por que o repórter Fernando Granato não comentou as torturas e perseguições da polícia? Por que ele não comentou que o jovem pobre encontra no movimento força pra continuar vivendo? O punk conscientiza esse jovem, faz com que os "garotos de subúrbio" não se sintam tão sós, sem razão de viver.

Mais: o punk é o anarquismo hoje. NÃO a esse academicismo que diz que não se pode comparar o punk ao anarquismo porque o punk não conhece a teoria anarquista. FODA-SE, e a prática?! Ser anarquista está acima de dizer-se anarquista! Quem pensa assim que leia algumas letras punks e verá se é ou não anarquia.

"Não devemos temer
Os que detêm o poder
Se eles são um
Nós somos um milhão
Os explorados precisam
Se unir
Para o sistema destruir."
Garotos Podres

"Pra que poder se essa guerra
Será o fim da Terra?"

"O Fascismo, a ganância,
A sede de vingança
Tudo isso leva à guerra
Cruel, nojenta.
Nascemos pra viver
Não pra morrer
A dedo por uma bomba."
Olho Seco

"Sou revoltado com o sistema
Sou explorado por um esquema
Quero explodir
Com esse sistema
Que me mata a cada dia."
Lixomania

"Não estamos aqui para promover
desordem
Devemos falar enquanto a gente pode
Não podemos falar, claro que pode
Devemos falar em favor da humanidade
Senão seremos vítimas da sociedade
Cada dia que passa eu passo mais fome
E essa maldita inflação nos consome
E não podemos nos calar até a morte"
Ratos de Porão

"Por que o sistema quer acabar com a gente?
Porque somos novos e nem tanto inocentes
Estamos do lado dos pobres e carentes
Vivo e eles vão morrendo

Sobrevivo e eles vão apodrecendo
Por que o sistema quer acabar com a gente?
Só porque nós punks estamos colocando
Pra fora o que a gente sente
Nada disso vai ajudar
Porque na verdade eles querem nos
aburguesar"
Ratos de Porão

Não se pode mais
Andar pelas ruas de São Paulo
Vivo me esbarrando nestes
Trapos da calçada
E você que está fazendo
Sentado atrás desta
Mesa, nada, nada...
Olho Seco

O "jornalista" Fernando Granato escreveu
Punks X Anarquistas, eu escrevo: PUNKS +
ANARQUISTAS X PODER, AUTORIDA-
DE, GOVERNO, MISÉRIA.



"Democratas" reprimem protesto

À primeira vista, parecem partidários da Waldir Pires, em campanha por mudanças democráticas, sendo rechaçados a jatos d'água pelos bombeiros de ACM. No entanto, tratando-se de funcionários públicos, empregados de Waldir, numa passeata (reprimida, como se vê) por melhores salários.

Este é o governo mu-DANÇA...

O INIMIGO DO REI

"O INIMIGO DO REI" é uma publicação da Editora e Livraria "A" Ltda. (CGC/MF 14727671/0001-63), Caixa Postal 2540, Salvador, Bahia, Brasil. CEP 40.021.

Se Você tem interesse em anarquismo, procure-nos, em Salvador, no Centro de Documentação e Pesquisa, Anarquista (CDPA), Praça da Sé, Edifício Themis, 5.º andar, sala 505, ou então escreva para a Caixa Postal: 2540, CEP 40.021, Salvador, Bahia, Brasil.

Nós respondemos a toda e qualquer carta.

Capa: Carlos Rodrigues

Composição e Fitolitos: Editora Proletra



Anarco-sindicalistas se reúnem em congresso pró-COB / AIT

Nos dias 31 de outubro e 1º de novembro de 1987, reuniram-se em Salvador-BA os núcleos pró-COB/AIT para o seu 2º Congresso Nacional. O encontro realizou-se na sede da Faculdade de Belas Artes da UFBA, local escolhido pelo núcleo pró-COB-BA, que, com o Secretário de Articulação Nacional de Núcleos pró-COB/AIT, organizou o evento.

O primeiro Congresso anarco-sindicalista havia sido realizado nos dias 1º, 2 e 3 de maio de 1986, durante as atividades do centenário do 1º de Maio, convocado pelo núcleo de apoio AIT-Brasil. Daquele Congresso, participaram delegações de 9 Estados (grupos interessados em anarco-sindicalismo) e foi aprovada a luta pela reorganização de Sindicatos livres e revolucionários e da Confederação Operária Brasileira.

O 2º Congresso anarco-sindicalista, realizado na Bahia, reuniu delegações dos núcleos de São Paulo, Porto Alegre e Salvador. Participaram, ainda, como observadores, delegações de Pernambuco, Brasília e Rio de Janeiro. O Paraná, representado pelo coletivo "Órgão ASNO", enviou moção de apoio e há notícias de que o trabalho desse grupo poderá resultar num núcleo em Curitiba.

Entre as deliberações do congresso, podemos destacar: a Carta de Princípios aprovada; a reedição do jornal "A Voz do Trabalhador", que foi o órgão da COB de 1908 a 1915, e as Bases de Acordo. Todas as deliberações do Congresso constam do caderno "O anarco-sindicalismo renasce no Brasil", que pode ser adquirido escrevendo-se para os núcleos (veja os endereços de contato no final), ou solicitando ao Secretariado Nacional da COB (Caixa Postal 10.512 — CEP 03097 — SP).

COMO ENTRAR EM CONTATO COM NOSSO MOVIMENTO

O Movimento pela Reconstrução da COB, seção brasileira da Associação Internacional dos Trabalhadores, está assim articulado:

Bahia

Núcleo pró-COB-AIT
Caixa Postal 2540 — CEP 40021 — Salvador — BA

Associação dos Trabalhadores em Mercados e Mercadinhos
Caixa Postal 2540 — CEP 40.021 — Salvador — BA

São Paulo

Secretariado de Articulação Nacional de Núcleos pró-COB-AIT
Caixa Postal 10512 — CEP 03097 — SP
Liga dos Trabalhadores Ferroviários
Rua Brigadeiro Tobias, 470 — sala 12 — tel. 228.87221 (Plantões aos sábados das 9 às 12h e segundas-feiras das 18 às 19h30min). Nesse mesmo local funciona a Liga de Trabalhadores em Ofícios Vários e o Coletivo Jurídico 1º de Maio que dá assistência ao movimento.

Rio Grande do Sul

Núcleo pró-COB-AIT — Caixa Postal 5036 — CEP 90.000 — Porto Alegre.

Há ainda possibilidades de contatos com a COB em

BRÁSILIA — Caixa Postal C.P. 02-0266 — CEP 70.001

RIO DE JANEIRO — C.P. 14.576 — CEP 22.420

PARANÁ — Rua Maranhão, 1579 — apto. 32 — CEP 80310 — Portão/Curitiba.

Como participar desse movimento?

Se você é um trabalhador, esta de saco cheio desses sindicatos pelegos, quer lutar efetivamente contra a exploração capitalista, se unindo a outros companheiros, procure-nos. Maiores informações, materiais informativos e contatos, poderão ser obtidos através do Secretariado de Articulação Nacional de Núcleos pró-COB que está sediado em São Paulo. Se você não é de nenhum dos Estados onde temos grupos organizados mas quer fazer um trabalho, escreva-nos e nós poderemos articular um contato na sua região.

SOLIDARIEDADE FINANCEIRA

O movimento pró-COB vive das contribuições de militantes e simpatizantes.

Para contribuir basta fazer um depósito bancário de qualquer quantia, na conta 97.980 — 5, Agência BRADESCO 054 (Brasurbana — SP), em nome de Jalme Cubero e ou/

Informe-nos, por carta para enviarmos o recibo correspondente.



Breve histórico da COB

Muito pouca gente sabe, mas a força do Movimento Operário era bem maior no começo do século até 1934, porque os Sindicatos, Ligas e Unões Operárias eram livres e não sofriam controle do Governo, dos Partidos Políticos e nem dos Patrões.

Foram essas Organizações, a grande maioria de orientação anarquista, que em 1906 realizaram o I Congresso Operário Brasileiro e deliberaram pela necessidade de se criar uma Confederação, uma Central Sindical. Em 1908 a Confederação Operária Brasileira já editava o jornal "A Voz do Trabalhador" noticiando as lutas do proletariado do Brasil e do mundo.

A COB realizou seu 2º Congresso em 1913, tendo sido responsável pela deflagração da Greve Geral de 1907 pelas 8 horas de trabalho (aprovada no I Congresso) e responsável — junto com os anarquistas — pela deflagração da Campanha contra o Fascismo. Em 1917 são seus aderentes que promovem a grande Greve Geral que colocou São Paulo nas mãos dos operários. Em 1920 a COB realiza seu ter-

ceiro e último Congresso.

Em 1934, após enfrentamentos com os fascistas e com o Governo, o movimento anarco-sindicalista sofre as maiores repressões, tendo muitos de seus militantes mortos, presos ou deportados.

A partir de 1934 Getúlio Vargas cria o Ministério do Trabalho, proíbe a existência de Sindicatos livres, cria o Imposto Sindical e a CLT, nela colocando — em forma de lei — todas as conquistas das lutas e greves anteriores. Getúlio promove a migração interna trazendo camponeses para a cidade e ajudando a indústria a eliminar os serviços especializados desempenhados por operários estrangeiros considerados como "agitadores".

Em 1937 Getúlio dá um Golpe de Estado e impõe uma Ditadura. Entre os fatores de esvaziamento da luta sindical a partir dessa data, podemos citar o papel dos comunistas de apoio ao Governo na destruição dos Sindicatos Livres e do lançamento entre os operários de um ideal reformista de "tomada do poder pelo Partido Operário"; a criação de Sindi-

catos sustentados pelo próprio governo e a repressão feroz contra o movimento anarquista e anarco-sindicalista, pelo Governo e pelo PC.

De lá para cá nada mudou. Os Sindicatos continuam atrelados e nenhuma conquista verdadeira foi conseguida a partir de 1930. Os Sindicatos são hoje grandes aparatos financeiros, verdadeiros órgãos públicos administrados por pelegos e políticos, todos a usar o trabalhador.

Em maio de 1986 os anarco-sindicalistas realizam um Congresso e uma jornada de memória aos cem anos dos mártires de Chicago e lá lançaram a bandeira da reconstrução da COB.

Com núcleos espalhados por vários Estados, os anarco-sindicalistas vêm batalhando por retomar a verdadeira prática revolucionária do sindicalismo, uma prática que não se identifica nem com a CUT e muito menos com CGT, ambas reformistas e atreladas a Governo e Partidos Políticos a se sustentarem do roubo que é o Imposto Sindical.

Carta de Princípios

Salvador, 31 de outubro de 1987.

O 2º Congresso Anarco-sindicalista reafirma que o caminho para a superação do capitalismo deve ser trilhado pelo povo, para que seja eliminada toda exploração. Os anarco-sindicalistas brasileiros entendem que se trata de um processo de revolução social que seja capaz de eliminar toda autoridade governamental, partidária e patronal.

Propomo-nos a construir um dos caminhos para essa meta e esse caminho é a reconstrução da Confederação Operária Brasileira, um movimento nacional que reunirá agrupamentos livres de trabalhadores, empregados, desempregados e trabalhadores autônomos. Um movimento que atuará na luta contra o Estado e seus instrumentos de dominação (Polícia, Justiça, Parlamentos, Forças Armadas, Escolas, Sindicatos Oficiais, Capitalistas, Partidos Políticos) visando a sua completa destruição — para que seja possível a construção de uma sociedade nova, verdadeiramente socialista e livre.

O Movimento Pró-COB respeitará, integralmente, os princípios e estatutos da Associação Internacional dos Trabalhadores, pois consideramos fundamental a solidariedade e o internacionalismo proletário.

Nosso movimento promoverá a difusão de tais princípios, bem como da prática dessa solidariedade lançada pelos trabalhadores quando da formação da Primeira Internacional (reconstruída pelos socialistas anti-autoritários e anarco-sindicalistas em 1922, na Alemanha).

Não se trata de um movimento de intervenção sindical, puramente. Trata-se de um movimento que tem um programa de ação, um manifesto e uma prática que aponta para a auto-organização dos trabalhadores e sua federalização libertária.

Não significa que o anarco-sindicalismo seja o único ou mais apropriado caminho para a transformação social libertária, mas um instrumento de essencial importância, que muito pode contribuir para uma nova organização social, pois através da organização de grupos de trabalhadores por ramos de ofício e por localidade, federados, se poderá responder às necessidades para uma nova sociedade.

Um dos principais pontos de ação do anarco-sindicalismo está na ação pedagógica entre trabalhadores, na luta imediata e cotidiana, dando a ela uma forma autogestionária que eduque a prática futura.

Em resumo, no capitalismo não existe solução para a classe trabalhadora e por isso, preconizamos a revolução social. Além disso, entendemos que a organização anarco-sindicalista deve cumprir um papel de resistência e preparação para uma nova sociedade.

Três por quatro de Maceió

(3x4 datado)

Ná época das capitánias, bispos e comitivas eram sofregamente comidos no litoral alagoano. Diz a lenda meretrícia de alguns integrantes da expedição do Bispo Sardinha que ficaram amargamente decepcionados ao descobrirem do jantar futuro com suas carcaças, afastando a hipótese de serem eles, apenas, comidos. Reafirmando a teoria que diz que o prazer e a morte estão em íntimo contato.

De Sardinha até hoje, entretanto, muita coisa tem mudado, é verdade. A prática da comilança, por exemplo. Enraizada nos bastidores da província e nos descarregos mundanos da fachada senhorial, a comilança tornou-se prática ativa, evoluindo até nossos dias quando a repressão sexual alcançou as telas do vídeo. No entanto, como todo desenvolvimento em direção ao retorno, muito tem permanecido tal qual foi explorado pelos donatários de El Rei. Vinda de uma tradição latifundiária, ruralista, canavial, judaico-cristã capenga etc... etc., não é à toa que a sociedade nordestina, e, em particular, alagoana, tenha herdado uma formação vinculada às tendências de pensamento oligárquicas, maniqueístas e retrógradas, cada vez mais vivas nos dias de hoje. De fato, as riquezas territoriais do Estado estão canibalmente distribuídas entre as quase quarenta Usinas, entre produtores de monocultura, os ricos fazendeiros, além de alguns grandes pecuaristas.

Sendo força predominante da economia e desenvolvimento social do estado, não é de surpreender que as relações de trabalho, em alguns momentos pré-capitalista, determinem a organização da comunidade alagoana. E comunidade aqui assume uma expressão quase genérica: basicamente todas as cidades, incluindo a capital e adjacências, possuem as distorções típicas dos interiores. Os exemplos são vários: seja na inexpressiva violência urbana contraposta à violência passional generalizada (mata-se mais por ofender a honra da família do que por assalto); seja na total castração religiosa, moral, que torna homens e mulheres estranhos a seus próprios impulsos mais íntimos; seja na fome e no analfabetismo, sustentáculos do trono e dos suppersalários; seja na devoção servil que torna seres humanos a expressão da mediocridade animal, mística e rural; seja, enfim, em todas as manifestações quinhentistas de convívio senhorial que caracteriza Alagoas e demais Estados do Nordeste.

Entretanto, apesar do predomínio do arcaico, a coisa não estanca só nisso. Afinal, os paetês, os adereços e os cosméticos estão aí para embelezar as ruínas do tempo. Para embelezar e confundir. Assim, ao mesmo tempo em que se convive com as nuances do cotidiano semi-feudal em fase embrionária de industrialização, percebe-se um turbilhão de dados que nos são bombardeados diariamente, seduzindo a todos os prazeres da vida industrial distante, em vários momentos, da realidade concreta. Longe de fazer juízo de valor no sentido de encarar a influência da industrialização urbana no Estado oligárquico e rural como um "mal", a catástrofe que se aproxima para desestabilizar a ordem natural das coisas. Longe disso. Um juízo de valor se dá, isto sim, no sentido de que a confusão gerada pelo arcaico e individual cria distorções sintéticas e individuais. Um modo do ser humano encarar o mundo e a si mesmo, o ritmo da vida se torna cada vez mais acelerado, complexo e paradoxal. Nesse emaranhado, o indivíduo, confuso e sem respostas, envereda mais e mais na solidão fria e sem tempero, da sociedade de consumo ainda com sérios vestígios dos mais radicais dos rígidos padrões quinhentistas.

E em contexto de tal tipo, rapidamente abordado a pinceladas, que se impõe a consciência de que o ser humano cada vez mais tende a um modelo de sensibilidade e irreversivelmente romântico. E isso, nos impõe um desafio. Um desafio de, através de um trabalho em conjunto, movido pelos anseios mais sensíveis de respeito ao indivíduo, assumir a responsabilidade que cansamos de delegar a terceiros, isentando nossa parcela de modificação concreta da realidade. Para que, apesar de tudo, apesar destes escombros com açúcar e sem afeto em que vivemos, possamos ainda alimentar as relações humanas com um pouco mais de calor e de carinho e com menos grau dessa solidão robotizada a que nos dirigimos.

É isso aí.

(Grupo Caeterana — Maceió — Al)

Caeterana

Encurrallados nesta "burgolitorânea" cidade cemiteriana-terra infestada de marajás de panças adiposamente inchadas e outros ladrões de estradas, onde a violência, a mediocridade e o mau-caratismo brotam e esparramam-se por todos os cantos; ante a contínua, estéril, daninha e treponema prática política partidária e cultural adotada pelos politicorruptos e panelinhas litero-debi-

lôides, afigurou-se nos mister "desafinar o coro dos contentes".

Evidentemente, apenas o anarquismo oferece-nos os elementos que possibilitam a concretização do nosso intuito, haja vista que, lúcida e ludicamente, é a única filosofia não contaminada pelo pernicioso e devastado germe do autoritarismo: que macula, atrofia e ceifa ideais.

Assim sendo, galgadas as barreiras impostas pelo arneiro individualismo e inteirados de que a conjugação de esforços, ante a um ideal comum, torna-o mais próximo, asentamos e tornamos concreto um projeto alentado há muito: CAETERANA — núcleo de pesquisa e cultura libertárias, que tem por escopo semear as idéias Ácratas.



No "Reizinho" de Jô, a baixeza de todos os reis...

Jô também é inimigo do rei

Declarações de Jô Soares, em entrevista à revista "Senhor" nº 352, de 15 de dezembro de 1987:

"P — Como é que o sr. vê essas discussões de esquerda, de direita? Como o sr. se situa politicamente?"

R — É claro que as discussões têm sentido do ponto de vista político, do ponto de vista de estrutura do poder, mas cada vez mais eu sou um anarquista, não para sair de barba comprida distribuindo panfletos ou jogando bomba. Anarquista artístico, da palavra. O artista tem de ser um anarquista, não deve filiar-se a nenhum partido político, não pode ter um engajamento partidário, porque precisa manter aberta a possibilidade de criticar tudo. Por exemplo, há membros do PCB que estão em cargos de diretoria, de patronato, estão no poder e mandando. Eu li outro dia no jornal que tinha um grupo de funcionários gritando numa manifestação: "Partidão, alegria do patrão." Então, na hora em que se assume o poder, muda tudo. Muda a cabeça das pessoas. E como é que eu vou subir no palanque de qualquer partido político tendo a certeza de que, no momento em que esse partido for eleito, eu vou passar a criticá-lo?...

"O poder é sempre de direita. O poder é um negócio tão terrível que é muito difícil assumi-lo e não ter atitude de direita: repressão, comparatismo, nepotismo, uma série de coisas, porque o poder corrrompe mesmo. Então, eu acho que o artista, o crítico, ele está sempre do ponto de vista da esquerda. Mas de um ponto de vista muito anarquista, muito de não querer saber do poder."

Xuxa: a candidata de Paulo Francis.

"Eleições no Brasil. Leio que vão votar 80 milhões de pessoas. Hum... Que tal a XUXA como candidata? Diria: quem votar em mim já sabe o que vai ganhar. Depois de eleita, diria beijinhos, tchau, tchau. Estaria na tradição política do país!"

Paulo Francis, Folha de São Paulo — ILUSTRADA, pág. A-46, Sábado, 5/dez./87.



O regime caricatural de Kadafi da Líbia

Só Cuba, atualmente, e o Uruguai, no auge da ditadura fascista pré-Sanguinetti, conseguiram a proeza da Líbia: ter mais de 10% de sua população no exílio. Sim, porque mais de 350 mil libios estão refugiados em mais de 30 países, principalmente os da Europa Ocidental. Mas, mesmo no exílio, eles não estão totalmente livres das pressões da ditadura que vigora em seu país de origem. A Polícia secreta do coronel Kadafi, a Mukhabarat, tem comandos que vez por outra assassinam alguns líderes opositores no exterior. Esta prática, aliás, a partir de 1980, levou vários países europeus a ameaçarem romper relações com Trípoli.

As vésperas de completar 20 anos no poder (ele tomou a chefia do Estado líbio do rei Idris I em 1º de setembro de 1969), Kadafi chegou a ser confundido, nos anos seguintes ao golpe de 69, com um agente da CIA, já que suas alianças com regimes e grupos terroristas reacionários mais o colocavam à direita do que à esquerda do espectro político. Basta ver que já financiou os fascistas argentinos em suas campanhas de terror, a ala direita do IRA e já procurou alianças com dirigentes como Habib Bourguiba, da Tunísia, e Hassan II, do Marrocos. Ou, o seu apoio mais tragicômico, sustentar o ditador de Uganda, Idi Amin Dada, nos últimos anos de seu regime em Kampala, quando Kadafi mandou 3 mil soldados libios (que ele chamava de "voluntários civis") para tentar deter o avanço da oposição que partiu da Tanzânia e do Quênia para derrubar o sanguinário ditador de opereta.

A jornalista Oriana Fallaci, que entrevistou Kadafi na própria Líbia, dá uma explicação para esta confusão ideológica que Kadafi faz, sustentando grupos e governos fascistas e, ao mesmo tempo, mantendo-se na vanguarda do movimento revolucionário mundial apoiando os palestinos mais radicais, por exemplo.

Segundo Fallaci, "cl clinicamente falando, Muamar Kadafi é um louco". Mas um louco não conseguiria manter-se tanto tempo no poder. Em verdade, Kadafi é o exemplo clássico do ditador que soube fazer carreira fazendo uma sólida base popular, igual aquela que Pinochet montou entre a classe média chilena, o que lhe permite sufocar em sangue e miséria a classe operária do Chile.

Kadafi, cujo nome vem de uma tribo beduína, os Khadafedem, nasceu numa tenda a 500 quilômetros ao sul de Trípoli em 1942. Sua formação intelectual era fortemente influenciada pelo fundamentalismo islâmico da aris-



Kadafi e o ditador da Polônia general Jaruzelski: só faltou Pinochet

tocracia militarista do Exército do rei Idris I. Daí, inclusive, a insistência de Kadafi em misturar socialismo com islamismo, coisas absolutamente excludentes, como qualquer pessoa medianamente inteligente pode ver, já que o socialismo é ateu, pois desde os seus primórdios entende que a religião é o principal instrumento de alienação da classe operária, haja vista que a promessa de um céu após a morte é um poderoso alienante, que distrai os proletários de sua tarefa de libertar-se da sociedade de classes que os mantém na miséria atual.

CORÃO "SOCIALISTA"

Esgrimindo a bíblia dos muçulmanos, o Corão (ou, Al-Corão), o líder líbio diz bobagens como as seguintes: "O Islamismo já falava em socialismo muito antes de Lenin e Marx" ou "No Corão encontramos todas as respostas às indagações que um homem faz da vida".

Verdadeiras pérolas que poderiam ser ouvidas da boca de um crente protestante que estivesse pregando para populações de bairros

miseráveis na periferia das grandes metrópoles da América Latina, financiados pela CIA.

Em verdade, quem transforma um país riquíssimo como a Líbia (mais de US\$ 20 bilhões de PIB para uma população de apenas 3,7 milhões numa área de 1,775 milhão de quilômetros quadrados) num gigantesco campo de concentração, obrigando 10% da população a fugir para o exílio, não é nem religioso nem socialista, é apenas oportunista e esper-talhão.

A "JAMAHIRIYA"

A última invenção política do coronel Muamar Kadafi se deu em 1976, quando ele criou um novo tipo de organização política, a "Jamahiriya", um Estado que pretendia reeditar a democracia grega antiga, onde todos os cidadãos decidiam as questões da "polis", a cidade. Contudo, a democracia grega, pelo menos para a classe dominante, que tinha acesso à assembleia da acrópole, era uma realidade palpável. Na "Jamahiriya", entretanto, não há a menor liberdade política de organização.

Nenhum cidadão pode se organizar em entidades ideológicas fora do padrão oficial e quem ousa fazer isso é enforcado, com o ocorreu várias vezes nos anos 70, gerando protestos entre estudantes de Nova Iorque, Paris, Londres e Bonn, por causa de quase uma centena de colegas libios justicados por "atividade política não-autorizada", uma coisa que é crime na "Jamahiriya" da Líbia.

Para manter este tipo de estrutura, Kadafi tem uma guarda pessoal de 200 pessoas, todas elas da sua tribo, os Khadafedem, e todas treinadas na Alemanha Oriental, um dos países com maior "know how" em termos de repressão política, que o digam os que morreram aos pés do Muro de Berlim.

A DISSIDÊNCIA

A dissidência no seio do regime líbio, entretanto, prova que a oposição é forte, mesmo que Kadafi tenha forte apoio nos beduínos e jovens trabalhadores por ele beneficiados com a repartição da renda advinda do petróleo. Há três movimentos opositores principais: a Frente Nacional de Salvação da Líbia, que tem raízes nas Forças Armadas, é de origem direitista e tem sede em Londres; e a Irmandade Muçulmana e a Frente de Libertação Islâmica, ambas fundamentalistas e que pretendem um Estado teocrático igual ao do Irã. Aliás, esta oposição islâmica está cada vez mais forte, desde que em 1978 o líder xiita libanês, o imã Mussa Sadr, "sumiu" em Trípoli, a capital líbia, durante uma visita a Kadafi.

A dissidência também se manifesta nos altos escalões, como o ex-primeiro-ministro de Kadafi, Abdul Hamid Bakkush, há 11 anos vivendo no Cairo e alvo de várias tentativas de assassinato por parte do serviço secreto líbio. Também desertou o próprio subchefe deste serviço secreto (Mukhabarat) e ex-ministro das Relações Exteriores, Abdallah El-Houni, que revelou coisas escabrosas sobre a ditadura, inclusive as execuções sumárias, as quais, claro, Houni diz que não participou delas, colocando toda a culpa sobre Kadafi e asseclas.

Para piorar a tragédia líbia, o presidente dos EUA, Ronald Reagan, ainda mandou bombardear o país em 1986, demonstrando desequilíbrio idêntico ao do próprio Kadafi. O ataque de Washington, no entanto, deixou claro para os libios que eles só têm um caminho a seguir, derrubar Kadafi e instaurar um socialismo de verdade em seus país, longe da influência de Washington e também de Moscou.

OPINIÕES

Rio de Janeiro, 14 de dezembro de 1987.
Caro Inimigo do Rei:

Escrevo para comentar — e refutar — alguns pontos do texto "Anarquismo e contra informação", publicado no I.R. nº 21. Fiquei espantado e enojado com uma informação tipicamente racista, anti-semita, utilizada há décadas como pretexto e slogan dos ideólogos nazistas, apologistas do estado opressor, contrários à liberdade individual: "... a imprensa mundial controlada e manipulada pelo sionismo internacional..."

Ora, não vou perder tempo nem espaço listando grandes órgãos de imprensa não controlados pelo "sionismo internacional"; da mesma forma, é ridículo ficar comparando quem sofreu mais, se alemães bombardeados ou judeus cremados. São indivíduos, as vidas perdidas, as tragédias que devem ser repudiadas. E a propósito: quem recebe indenizações do Estado alemão não é Israel, são pessoas (ciganas, judias etc.) que perderam familiares nas mãos da Wehrmacht.

Outra coisa: é injustificável ficar apoiando a "Revolução" Islâmica do Irã, um regime autoritá-

rio e clerical, só porque é contrário aos EUA; isto é cair na posição medíocre dos pró-soviéticos pelo mesmo motivo, ou dos pró-americanos pela mesma repulsa ao regime dos Gulags. Quem é anarquista não toma partido nessas brigas entre Estados opressores, onde quem sofre é o povo obrigado a ir morrer no Vietnã, no Afeganistão ou no Iraque, como as crianças iranianas fanatizadas. A luta justa contra as grandes estruturas religiosas, políticas e ideológicas que massacram as pessoas; luta pela vida, luta pela paz.

20 dezembro
Ilmos. Srs. Inimigo do Rei:

No meio do entusiasmo dele para o regime do Irã, José Gil de Almeida deve fazer uma pequena pausa para pensar como a Revolução Islâmica trata anarquistas. E se por acaso ele não gosta de servir no exército, convém lembrar que lá ele não teria escolha (e iria, não para fazer a ginástica, como no Brasil, mas para matar e morrer em benefício dos 2 dos Estados mais rígidos e militaristas do mundo.)

O imperialismo e o fanatismo não ficam melhores por brotar bem longe do Brasil. 'Contra-informação' não é desinformação.
Fraternalmente,
Roberto Ilhéus — Rio de Janeiro — RJ.

Ao
Grupo Libertário
São Paulo — SP

Saúde,

1. Primeiramente, nos negamos a refutar ponto por ponto da vossa carta porque não entendemos que possa existir um Coletivo de Grupos Libertários de São Paulo, que não é do nosso conhecimento, estranhando que possa existir um coletivo dessa natureza, tendo em vista o grande número de Grupos Libertários existentes nessa capital, e que se prestassem a assinar documento de teor reacionário e infantil como essa "Carta Aberta" de 16.10 do corrente;

2. Na nossa opinião, qualquer grupo anarquista,

de qualquer Estado brasileiro, pode convocar encontros nacionais da forma que desejar. A realização do Encontro de Brasília não lhes dá o monopólio de reconhecimento de atividades do gênero;

3. As matérias publicadas no tablóide "Contra-informação" apóiam a Jamahiriya Líbia, apóiam a revolução palestina, apóiam a luta de libertação dos irlandeses, apóiam a luta do povo na Nicarágua que hoje optou pelo sandinismo, apóiam a luta dos revolucionários negros na Namíbia e África do Sul etc.;

4. Grande parte dos argumentos utilizados em vossa carta contra a Jamahiriya (poder popular) da Líbia, jamais tínhamos lido num documento de grupo que se auto-intitula "anarquista", mas apenas na imprensa burguesa, monopolizada pelo racismo judaico-sionista (existe resolução da O.N.U. classificando o sionismo como racismo) que defende os interesses dos países imperialistas, e que merecem tanta credibilidade quanto os documentos governamentais ou religiosos: nenhuma!

5. Ficamos na expectativa de uma identificação mais clara do vosso grupo para esclarecer dúvidas. Antes de decretarmos qualquer incompatibilidade,

(Continua na página 8)

Maio de 68 — maio de 78. E o movimento operário explode. (e, de maio de 88, o que esperar?)

UMA CRÔNICA DE 20 ANOS DE MOVIMENTO SINDICAL, POR UM MILITANTE.

O ano de 1988 traz uma esperança de revolta que não podemos negar. A história parece uma seqüência de ciclos que vêm e vão, deixando algumas marcas.

Em 1908 surgiu o jornal "A Voz do Trabalhador", órgão da Confederação Operária Brasileira (COB), fundada em 1906, no primeiro Congresso Operário Brasileiro, realizado no Rio de Janeiro, representando um avanço do operariado na sua luta contra o capitalismo.

1918 marcou o fim da primeira guerra mundial e o ano florescente da Revolução Russa, ainda na fase radical, quando o controle social ainda não estava centralizado num Partido Político, mas nos soviets.

Em 1928, a tendência da derrocada da economia capitalista já apontava sua maior crise, que viria um ano depois, com a quebra da Bolsa de Valores de Nova York. O baque na economia capitalista era um sinônimo também da intensidade das lutas operárias que se travaram em 1928, mas nessa época o movimento operário estava fragilizado com a expansão do projeto bolchevique da revolução.

Marco mesmo foi o ano de 1968. Auge de movimentos de revolta operária e estudantil. A França, inicialmente, e toda a Europa, a seguir, foram incendiadas pela chama da rebeldia. Bandeiras anarquistas e princípios libertários começaram a se reavivar. Isso demonstrava uma quebra de prestígio das propostas reformistas. Maio de 68 teve seus reflexos no Brasil. Aqui tivemos as greves de Osasco (SP) e Contagem (MG), as primeiras a desafiar a ditadura militar que governava o Brasil, greves que nasceram livres e espontâneas nos locais de trabalho e longe dos gabinetes sindicais.

MAIO DE 78

Veio, então, maio de 1978, mais explicitamente o dia 12 de maio, com a greve dos operários da Scania, em São Bernardo (SP). Nos dias seguintes, a greve operária como forma de luta vai contagiando, se espalhando em São Paulo, atingindo outros Estados. Greves intermitentes e explosivas. 1978, 14 anos de ditadura militar, época em que a burguesia e os reformistas negociavam uma "saída" para a crise econômica e política, a explosão operária acabou por entornar o caldo e radicalizar o processo de luta. Vamos relembra um pouco, principalmente esses dez anos.

Maio de 1978. O Brasil foi abalado pelo terremoto das greves contínuas. Categorias antes extremamente passivas, começaram a explodir. Ninguém esquece quando os trabalhadores da Construção Civil de Belo Horizonte transtornaram a cidade na luta por salário e liberdade.

Muitos diziam, inclusive os comunistas, que era perigoso radicalizar, mas foi radicalizando que os trabalhadores foram conquistando as primeiras liberdades, entre elas a de fazer greve. Essa radicalização foi-se intensificando até 1981. A esquerda considerava que o processo de transformação da realidade que vivíamos



Em 1978 foi a vez dos operários brasileiros: a repressão da ditadura foi violenta

passava, por um lado, pela "retomada dos sindicatos, pelos trabalhadores", sindicatos esses que desde 1934 estão atrelados ao governo e, por outro, pela intervenção político-partidária na realidade. Defendiam essa proposta os comunistas, que, aliás, se aliaram ao sindicalismo oficial desde a ditadura de Getúlio Vargas; defendiam-na também os exilados que recém chegavam ao Brasil em função da Anistia e que haviam firmado relações, na Europa, com a Social Democracia e com a Igreja.

Nesse sentido, os sindicatos começavam a ganhar a vida que não tinham antes; oposições sindicais começaram a se organizar e disputar espaço com os pelegos da velha estrutura sindical. 1981 marca a realização da primeira Conferência Nacional das Classes Trabalhadoras — CONCLAT, reunindo os sindicatos estatais (aliás, a ideia dessa conferência foi de alguns "pelegos modernos", ao proporem uma imitação do que os patrões já haviam feito anos antes na Conferência Nacional das Classes Produtoras — CONCLAP). As lutas operárias se desenvolviam a partir dos locais de trabalho, através de comissões de fábrica, geralmente

clandestinas. Ter levado essa luta para dentro dos sindicatos oficiais e não ter aproveitado o espírito da época para a criação de sindicatos independentes (como o Solidariedade, na Polônia) talvez tenha sido um erro brutal. É bem verdade que havia grupos — entre eles os anarquistas — que defendiam isso, porém, no calor da luta, a massa optou por caminhos aparentemente eficientes.

O PARTIDO E OS TRABALHADORES

No campo político-institucional criou-se o PT (Partido dos Trabalhadores), seguindo muito o discurso marxista, que considera o sindicato como um instrumento de luta economicista, e dando ao partido o direito de conduzir a luta político-social. Hoje se sabe do erro que também foi a construção do PT. Todo esse caminho, mais tarde pudemos comprovar, estava previamente planejado pelos grupos social-democratas e da igreja, que, com o dinheiro de subsídios internacionais, financiavam a propaganda dessa ilusão e cooptavam os grupos mais atuantes do movimento popular.



Nos Champs Elisées: desta vez não foram os alemães. Foram os tanques da burguesia francesa contra os libertários.

A crise econômica aguda de 82 a 85 demonstrou que o movimento operário se desarmava. A burguesia e os reformistas conseguiram envolver os trabalhadores na sua arapuca eleitoral e, em 1985, os grupos econômicos que antes de 78 negociavam com os militares o fim da ditadura por meios "legais e pacíficos", agora com a Nova República começavam a praticar atos até mais arbitrários que os militares, reprimindo e aniquilando os movimentos de reivindicação social.

Apesar de muita resistência dos "pelegos" da época, algumas oposições sindicais conseguem participar da CONCLAT e dos ENCLATS (Encontros Estaduais das Classes Trabalhadoras). A principal proposta era a criação de uma Central Sindical para unificar a luta sindical. Nasce a proposta de criação da CUT. Nasce oficialmente, porque essa proposta já vinha sendo discutida pelos trabalhadores nas oposições sindicais.

OS PELEGOS

É importante ressaltar que algumas oposições começam a "ganhar" sindicatos, através de eleições controladas pelo Estado. É marcante a eleição de oposições nos Sindicatos de Coureiros, vidreiros, bancários e, mais tarde, químicos de São Paulo. A disputa de espaço entre oposições e pelegos vai ser a característica do movimento que veio a se chamar de "intersindical". Os pelegos se afirmavam pela negação do pólo "combativo", alegando

que esse setor não representava a classe trabalhadora e seus anseios; por outro lado, o setor "combativo" procurava se afirmar na massa pela negação dos pelegos, alegando que eram traidores. Não percebíamos, mas por trás dessa disputa estava na verdade a disputa do poder e, principalmente, do aparato e do dinheiro dos sindicatos oficiais, que viveriam custas do que nos é roubado com o Imposto Sindical.

Pela decisão da I CONCLAT, deveria ser realizado um Congresso da Classe Trabalhadora, o CONCLAT, em 1982. Os chamados combativos defenderam essa proposta e os pelegos a rejeitavam. Mas era ano de eleições marcadas pela ditadura, eleições políticas em que o PT, recém-registrado, poderia disputar. Os "combativos" sorrateiramente abortam a realização do Congresso em 82 e o realizam, agora sem os pelegos, em 1983 (para tanto, obtiveram grande soma de dinheiro vindo através da CFDT francesa, entidades religiosas internacionais, pois era estratégia da social-democracia, ajudar a criar no Brasil uma Central Sindical nos moldes social-democratas e cristãos da Europa).

Em 1983, fundou-se a atual CUT (Central Única dos Trabalhadores) em São Bernardo, em agosto. Em novembro, os pelegos, aliados aos comunistas do PCB e PCdoB, realizam um congresso em Praia Grande — SP, e fundam a CONCLAT, Coordenação das Classes Trabalhadoras, hoje CGT (Central Geral dos Trabalhadores). Um detalhe: a CUT não é única e nem tampouco a CGT é geral.

Hoje, ambas continuam a disputar a hegemonia do movimento sindical estatal, se unindo em alguns Estados (como na eleição dos bancários de Salvador — BA). Tudo ao sabor das oportunidades, sendo que o que vale é a conquista do poder, pois, tanto para os reformistas da CUT como para os da CGT, os sindicatos acabam sendo trampolim para a política partidária e institucional. Essa visão reformista de sindicalismo é que precisa ser desmascarada, porque foge e é uma usurpação dos verdadeiros fins do sindicalismo, que é ser um instrumento revolucionário, mas para isso precisa de independência e de espírito classista.

SABER O QUE NÃO QUER...

Há que se considerar que uma explosão social é um momento, um fato marcante, mas nunca aleatório. Existem pessoas que entendem que há momentos na história que são como válvulas e, às vezes, servem para aliviar as pressões acumuladas. Os fenômenos verificados nos movimentos de Maio de 68 e Maio de 78 podem significar isso. Mas, e Maio de 88, o que significará?

Para nós, trabalhadores, significa muito, significa o aprendizado do que não devemos mais acreditar, as receitas que devemos recusar.

Só para citar um exemplo: se perguntarmos a alguém qual o símbolo do movimento de 68 no Brasil, poderiam responder que foi José Ibrahim. E o símbolo de Maio de 78? Responderiam que é o Lula.

Vejam a trajetória desses homens: ambos são ex-operários metalúrgicos (o primeiro de Osasco e o segundo de São Bernardo — São Paulo), seduzidos pelo canto da sereia da luta partidária. Talvez, no início, suas intenções fossem as melhores. Ambos surgiram das lutas operárias de seu tempo. Zé Ibrahim abraçou a social-democracia e hoje está no Partido Democrático Trabalhista, do demagogo Léonel Brizola. Lula, quem diria, quer ser Presidente da República pelo Partido dos Trabalhadores, com o apoio dos empresários. Vale lembrar que o apoio da Igreja Católica ao PT no Brasil se deu pela impos-

também foi um dos criadores do PT.

Esses exemplos são educativos na medida em que nos mostram os perigos com "líderes emergentes dos movimentos operários". Isso porque, quando esses "líderes" se perdem nos descaminhos das arapucas burguesas, acabam por arrastar militantes combativos atrás de si, ou então acabam por desmotivar os mais radicais, na medida em que, a partir do "líder" se descaracteriza o movimento como um todo.

Maio de 1988 aponta o renascimento



Trabalhadores poloneses nas ruas: "não" à ditadura socialista.

sibilidade da própria Igreja patrocinar um partido nitidamente cristão, e aí Lula consegue somar o Deus Capital ao Deus Ilusão.

As eleições presidenciais serão em dois turnos, ou seja, Lula e Brizola concorrerão separados no primeiro, mas no segundo talvez se unam e com isso os dois social-democratas de gerações diferentes (68 e 78), nascidos na luta operária, voltarão aos mesmos palanques, já que Zé Ibrahim

do movimento sindicalista revolucionário brasileiro, através da proposta de reconstrução da COB — Confederação Operária Brasileira. Aliás, não é a toa que o movimento pela reconstrução da COB relança este ano (80 anos depois) o jornal "A Voz do Trabalhador". É o ir e vir da história no re-buscar de seu caminho. A revolução social. (por Leonardo Morelli — SP)

OPINIÕES (Continuações)

estamos abertos à discussão.

JOSÉ GIL DE ALMEIDA
ANTONIO CARLOS C. MARQUES
p/Coletivo do Movimento Cineclubista Libertário

CARTA ABERTA SOS COMPANHEIROS DA FEDERAÇÃO DOS CINECLUBISTAS DO PARANÁ

Saúde.

Os grupos libertários de São Paulo tomaram conhecimento da realização da I Jornada Libertária do Paraná e Encontro Nacional dos Anarquistas, promovidos por vossa entidade. Tendo em vista a convocatória do evento apresentamos algumas considerações que julgamos oportunas, a saber:

1. É salutar a prática de encontros e jornadas para debater e divulgar o movimento anarquista e suas idéias e, neste ponto, o evento merece aplausos de todos os grupos.

2. Causa-nos estranheza, no entanto, a convocação de um Encontro Nacional quando está em gestação a realização de um Congresso Brasileiro de Grupos Anarquistas, que ficou convocado a partir do Encontro de Brasília (nov./86), no qual lamentavelmente sentimos a falta dos companheiros do Paraná.

3. Não obstante isso, estranha-nos profundamente a posição assumida pelo órgão oficial dessa entidade, de apoio claro ao atual regime líbio, um país regido pelo teocratismo embasado numa estranha e confusa teoria contida no documento "livro verde" do Coronel Khadafi;

A política oficial da ditadura líbia, ao nosso ver, choca-se frontalmente com as idéias do socialismo libertário, seja ele de qualquer linha. senão vejamos:

3.1. A Ascensão de Khadafi ao poder deu-se por um golpe militar e não por uma revolução social;

3.2. O regime é literalmente ditatorial, perseguindo seus opositores policialmente — tanto quanto uma ditadura latino-americana;

3.3. O regime líbio é embasado no fanatismo religioso e não na razão política. Ora, a campanha anti-clerical é um dos postulados básicos do anarquismo;

3.4. O socialismo libertário é e sempre foi internacionalista e, portanto anti-racista, querendo a liberdade de todos os seres humanos. Esta postura choca-se frontalmente com o anti-semitismo Khadafiano;

3.5. É notório o apoio do governo Khadafi a atos terroristas, inclusive financiando grupos no sentido de internacionalizar tal prática. Ora, terrorismo nada tem a haver com ação direta, pois trata-se de ações isoladas de grupos contra alvos que pouco ou nada têm a haver com as estruturas de dominação capitalista (aerportos, agências de viagens, templos religiosos, etc...) causando muitas vezes vítimas entre a própria classe trabalhadora;

Não bastasse isso, o terrorismo vem sendo utilizado sistematicamente no jogo das disputas internacionais, sempre ao nível do Estado, acabando por fortalecer o aparelho repressivo (exército e polícia) resultando em mais opressão sobre a classe trabalhadora.

3.6. A postura patriarcal, machista e conservadora que o Coronel Khadafi pratica em sua vida particular e tenta passar para o mundo como modelo de vida familiar revolucionária nada tem com as propostas de emancipação sexual, amor livre, paternidade consciente, sempre propagandeados pelo movimento Anarquista.

Companheiros, outros pontos de divergência em relação ao regime líbio existem. Gostaríamos de saber se realmente a posição de vosso grupo é de apoio, como transparece de vosso material e, inclusive matérias veiculadas na imprensa. Em caso afirmativo temos a declarar nossa incompatibilidade

com vossa política.

São Paulo, 16 de outubro de 1987.
Coletivo de Grupos Libertados de São Paulo
C.P. 10512. CEP 03097 - S.P.

POSIÇÃO ASSUMIDA PELO ÓRGÃO — ASNO

FRENTE À PRIMEIRA JORNADA LIBERTÁRIA DO PARANÁ

Nós, componentes do Órgão-Asno, após a Primeira Jornada Libertária do Paraná, realizada nos dias 24 e 25 de outubro em Curitiba, achamos por bem enviar esta carta aberta aos demais companheiros do movimento.

A intenção desta é informar e denunciar todo o estranho processo de como foi conduzida a Jornada, sendo assim, temos as seguintes considerações:

1) Denunciamos a forma autoritária, dirigida e centralista da organização da Jornada Libertária.

A possibilidade da realização de uma Jornada Libertária sempre foi discutida conjuntamente pelos diversos grupos libertários de Curitiba, sem nunca obter êxito devido ao esvaziamento dos entendimentos. No entanto, de maneira surpreendente foi convocada uma Jornada Libertária, onde muitos dos participantes não tinham conhecimento nem da realização da Jornada, e nem estavam cientes de sua participação na mesma — vide o Grupo Órgão-Asno, que veio a saber da realização da Jornada e de sua participação nesta, através de um anúncio no Jornal... e quase em cima da hora. Além disso, as pessoas ou grupos escolhidos para participarem da Jornada, ficaram ao exclusivo arbítrio dos organizadores e "donos" da dita: o Movimento Cineclubista "Libertário".

2) Denunciamos também, o caráter separatista que esta Jornada assumiu.

De antemão já existia uma predisposição para fazer com que a Jornada servisse de base para a estruturação de um movimento articulado em torno dos organizadores e de seus "cúmplices", que queriam que este movimento paralelo se tornasse concorrente ao esforço federativo que existe.

Maior prova disto foram as discussões intrigueiras, calcadas em diferenças pessoais, que nada tinham a ver com o movimento e que tentaram denegrir a imagem de vários grupos que sempre primaram por uma ação atuante e libertária, como os grupos: SOMA, AUTO-GESTÃO, PROJEÇÃO, NÚCLEOS PRÓ-COB, entre outros.

3) Denunciamos a forma inconseqüente de como foram encaminhadas as discussões das propostas.

Alguns grupos, aos quais o Anarquismo é somente desculpa para suas ações festivas, terroristas, inconseqüentes, descompromissadas com um trabalho de base, etc., tentaram fazer através de um veemente discurso, com que suas práticas fossem identificadas com a atuação do movimento a nível nacional.

O Grupo Órgão-Asno, comprometido com um trabalho dentro de um espírito libertário, entende que o Anarquismo tem que se fortalecer enquanto movimento, recuperando uma imagem que foi denegrada através dos tempos — (muitas vezes, voltamos a frisar, por pessoas que se rotulavam Anarquistas) — estruturando um trabalho de base junto às diversas camadas populares.

Resta-nos ainda, novamente afirmar que as deliberações da Primeira Jornada Libertária do Paraná são completamente incoerentes com as práticas do movimento Anarquista que tentamos construir, sendo que os encaminhamentos apontados naquela Jornada, segundo o nosso entender, só vêm prejudicar um trabalho já existente. Por isso, decidimos veementemente protestar e nos mostrarmos contra todas as circunstâncias que envolveram a realização desta Jornada.

Curitiba, 26 de outubro de 1987.

ÓRGÃO - ASNO

含重有下
胸用之含
挺也共之
擁發由實



Maravilhas do mundo libertário: o ideograma da ação parlamentar.

Pronúncia — irreproduzível; **significado** — norma culta (mandarín) — poder justo, reunião do sábios, fonte das leis, representação; **significado tardio** — (dirigentes do PC) igualdade, democracia operária, rota para o comunismo; **linguagem popular** — poder opressor, bando de vigaristas, quadrilha, engodo, cambalacho. **Uso:** não recomendado para progressistas em geral a utilização da norma culta mesmo para obter-se alguma "vantagem" (dinheiro para a organização, tribuna de denúncias ou pequenos avanços rumo ao socialismo) pois se

estará auxiliando os mandarins ao fazer o povo acreditar neste sentido, desviando-o da ação direta, a única de acordo com o sentido popular já que rejeita o jogo de cartas marcadas proposto pelo Poder.

Ideograma m. — sinal que não exprime letra ou som, mas diretamente uma idéia, como os algarismos.

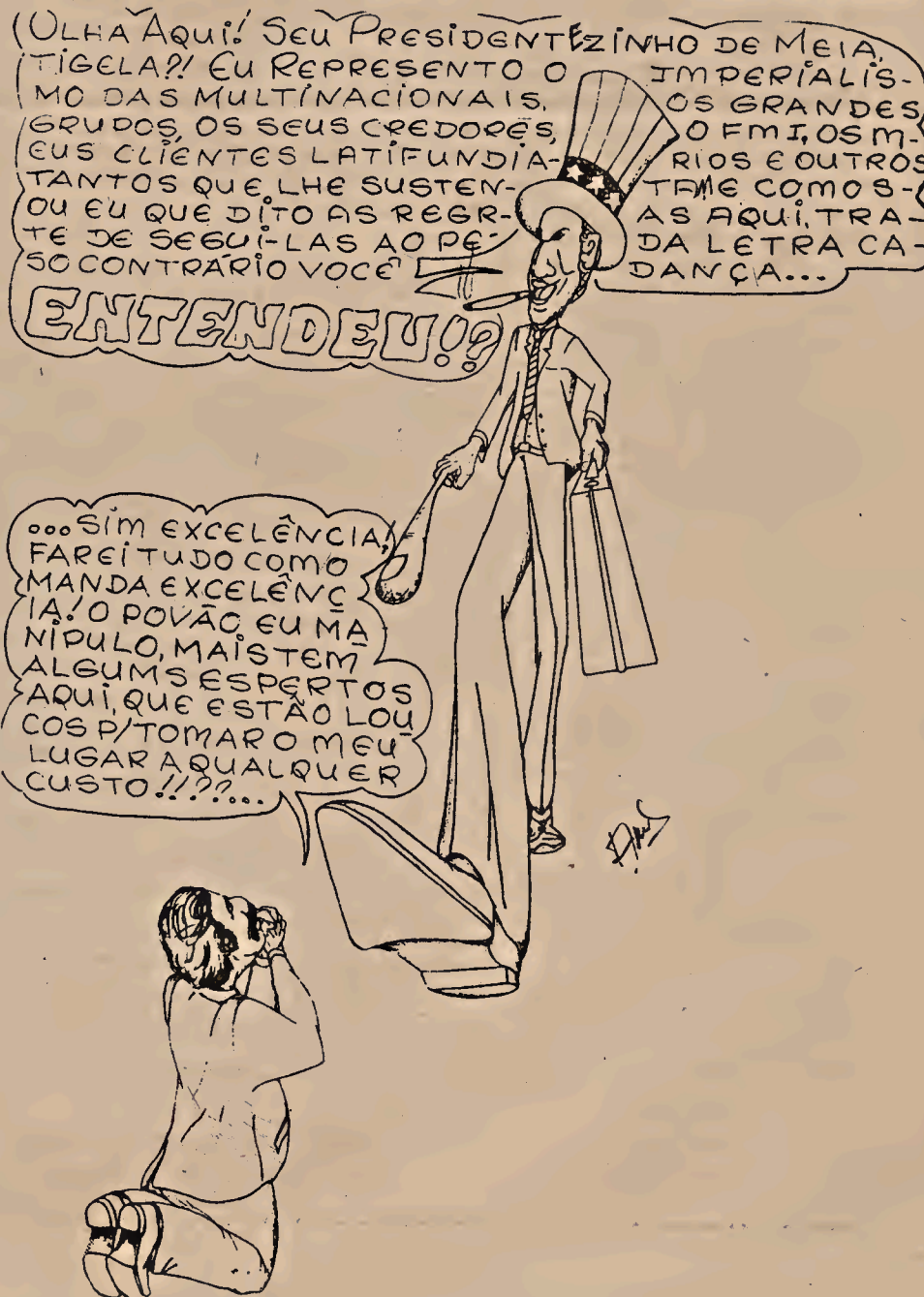
Do livro "Viagens ao País dos Chineses", do Anarcho Pólo.

Por quê?

"Por que temos que mentir fingir impor conceitos aceitar padrões de comportamentos pré-concebidos e forjados muitas vezes contra nossa própria vontade, nos sacrificamos para não ferir estes padrões e conceitos por uma e para uma sociedade injusta e que não é ideal, discriminamos, humilhamos, menosprezamos, segregamos, ferimos e sobrepujamos uns aos outros, será isto mesmo em nome e por culpa dos conceitos e comportamentos impostos tendo como regras básicas conseguir e manter a qualquer custo, status, posições de destaque, falsas aparências, demonstrar poder força influência ser do pró ou do contra, ou simplesmente

para satisfazer o nosso ego, sentir o sádico prazer em ver o sofrimento alheio de alguém diminuído em nossa frente. Talvez seja mesmo por não termos a coragem e estrutura suficientemente fortes para encarmos e aceitar a realidade verdadeira, porque ela dói bastante e principalmente vai de encontro aos nossos falsos princípios e conceitos, que nos foi e são pregados e impostos desde nossa infância, por alguém que herdou de alguém que herdou de alguém..."

Adonias Miranda Souza



Moradia estudantil, apenas um toque.

Urge, e é imprescindível, nos unirmos, entidades e indivíduos acráticos, à luta pró-moradia e à mais ampla, em nossa sociedade, pensar e agir globalmente, para fazermos frente ao autoritarismo em todas as suas expressões, interiores e exteriores, ao Estado e ao Capital, rompendo com guetos, etapismos e corporativismos, com os defensores da ordem opressora e da sociedade monolítica, contrários à autonomia e pluralidade de organização, compreendermos o "morar" em suas possibilidades e significados mais amplos, e derrubarmos os "muros" da Universidade e da moradia estudantil.

Um "MORAR" — ...moradia, terra etc. — não se mendiga; SE CONQUISTA! construindo o movimento pela base com unidade, pluralismo, autonomia e acracia na luta; liberdade de experimentação e discussão semioecológica-ômica-cultural/sociindividual..., dos tipos de organização e formas de representatividade e legitimidade, mantendo-se o espaço para as diferenças e o debate.

Que Universidade, moradia universitária, unidade e solidariedade, para com quem, por que, para quê, onde, quando e como?... São algumas das perguntas necessárias e muitas

outras teríamos que fazer e temas relativos a abordar, coisas a informar e muito mais há a acontecer por aqui e por aí. Este "apenas um toque" vem levantar algumas questões e proposições para discussão (deixando algumas implícitas e outras tácticas explícitas), pretendendo suscitar a criação de SISTEMAS DE INEXAÇÃO (síntese de informação, nexos e ação) LIBERTÁRIOS, em apoio mútuo, no que se refere à moradia estudantil e sua inexistência mais ampla.

AMARKIA

Moro no Alojamento de Estudantes da UFRJ, onde mantenho o jornal-mural AMARKIA, divulgo o Luz Negra, o Inimigo do Rei etc., defendendo propostas libertárias. Eis algumas das proposições levantadas no nº 12 do Amarkia:

- criação de Conselhos Universidade-Comunidade (interna e externa);
- criação do Núcleo Cultural/Associação de Moradores e Amigos dos Alojamentos Estudantis da UFRJ — Alternativas no Espaço de Vida (NUC/AMALEVI-UFRJ — UNI-

MULTIVERSIDADE ABERTA TÁ NA RUA — AUTOGESTIONÁRIA), sua filiação à FAMERJ e à Regional das associações da Ilha do Governador; criação no NUC/AMALEVI dum Coletivo de Luta Pró-Moradia e outros na universidade, federando-os; criação da Federação das Associações de Moradores da UFRJ (FAM-UFRJ), do Centro Comunitário de Habitação, política e socialmente autogerido pela FAM (estas associações com o Estatuto de Unidades Federadas na área do CCH); construção imediata dum Conjunto Residencial Universitário-Popular (p/professores, estudantes, funcionários e populares — principalmente das favelas da periferia da UFRJ) e ocupação provisória de áreas ociosas do Hospital Universitário; adoção, contextualizando, destas e outras propostas em outras universidades;

— reestruturação das atuais Secretarias Estaduais e Nacional de Casas de Estudantes (SENCE) e/ou criação, prioritariamente, de Federações Estaduais e da Confederação Nacional e da Internacional de Associações de Moradores de Casas de Estudantes (... CO-NANCE e CIAMCE);

— publicação, se possível mensal, dum Caderno de Debates — Pró-Federação Libertária de Estudantes (APOIO MUTUO), com propostas para as Casas de Estudantes e o movimento estudantil em geral (de criação de novas formas de organização, libertárias abertas e anarquistas, de sua interação com as atuais entidades (e para estas — em termos de sua reestruturação etc. —) e com as comunidades interna e externa etc.

Se você deseja discutir estas e outras proposições, trocar idéias, participar o que ocorre em sua moradia, saber do que ocorre em outras e/ou deseja articular uma INEXAÇÃO mais ampla para solidariamente podermos fazer avançar a luta alternando livremente, escreva-me enviando envelope selado para resposta.

"Nada é fixo para aquele que alternadamente pensa e sonha..."
(Gaston Bachelard: Castelos na Espanha)

HÁ ALTERNATIVAS! ALTERNE LIVREMENTE...

Amadeu Batista Mota (GAJO — Rio de Janeiro).



Zumbi

O Cobrador é implacável e qual uma sombra, o espreita Na calçada do bar, o copo acenando, lhe mostra um falido boêmio, insepulto.

Mas a goela ressecada por expedientes e cobranças, rebela-se contra o vil algoz e num desesperado gesto libertário, ensaia um verso, pede uma pinga e sussurra seu amor à vida, num último grito sem voz.

CARLOS BARROS (SANSÃO)
Recife — PE — Brasil

O sacrifício é exigido, mas o teimoso ser tenta um dible no mistério, um grito, em desespero

O Salário chama a. reclama o pão nosso de cada dia e a chama que o queima, a bater o ponto logo esfria!

“Democracia” uruguaia prende trabalhadores

Trabalhadores de diversas áreas, da Bahia e da Paraíba, estão elaborando um abaixo-assinado de repúdio à prisão dos companheiros uruguaio Carlos Pilo, Juan Pilo e Eduardo Barreiro. Uma prisão pouco esclarecida e por motivos que mostram não terem os governantes uruguaio o mínimo senso do que poderia

ser a democracia, coisa que tanto apregoaram, na época em que estavam exilados.

Quem se interessar em defender nossos companheiros da violência contra eles cometida, deve entrar em contato com o jornal "O INIMIGO DO REI", através da Caixa Postal 2540, CEP 40.021, Salvador/Bahia.

Comunidad del Sur em visita ao Brasil

Por iniciativa do Coletivo AUTOGESTÃO de São Paulo, esteve no Brasil Ruben Prieto, da Comunidad del Sur no exílio, ou seja, o grupo remanescente da Comunidad que atualmente está na Suécia.

A visita de Prieto ao Brasil tem como objetivo estabelecer laços de contato direto entre grupos autogestionários, possibilitando uma discussão sobre AUTOGESTÃO. Prieto, acompanhado de seu filho, esteve inicialmente no Rio de Janeiro, participando de um evento organizado pelo Círculo de Estudos Libertários, Grupo GAJO e AUTOGESTÃO, prevendo uma passagem ainda por São

Paulo e Porto Alegre que deverá ocorrer na segunda quinzena de fevereiro.

Em Porto Alegre, a organização estará a cargo do Grupo 12 de Julho e Núcleo pró-COB. Em São Paulo, estará a cargo do coletivo AUTOGESTÃO, Centro de Cultura Social e Grupo Soma.

O coletivo AUTOGESTÃO é responsável pelo relançamento da revista AUTOGESTÃO, que, nesta nova fase, já está com 4 números editados, tendo lançado em 13 de novembro a nº 3 numa festa chamada "SALA DA LIBERTÁRIA".



Pisando na bola (II)

(Vai ver que já teve o I...)

Diz-se da literatura contemporânea, destruindo e fabricando seus mitos. A notícia que não veio e... o fato nem acabou, ou se você quiser, não nos informam da notícia exalada pelo fato, (nem ligue) apenas vastos e fartos pródigos boatos.

Na verdade, nem bem assenta a poeira e a velha história de "filho de peixe peixinho é", sobra das heranças burguesas que afloram no fundo do meu quintal. Histórias do pobre ficar rico, ...justo nesse mundinho daqui "fio", que só cai grana do céu, ou então quando o famosíssimo "Père Noël" resolve parar no seu sapatinho sem derrapar na lama que envolve sua bela casinha do BNH.

Não sei por que você me pede para ter vontade de lutar!

Conquistar espaços, fazer revoluções se o fantasma da bomba paira sobre sua cabeça.

Francamente não sei por que você me pede para ser otimista.

Os PCs, e Cs, e Ts reclamam da fome dos oprimidos (será que eles pensam que a fome e a opressão são a mesma coisa?) e com seus gordos bolsos, conquistam espaços na Rede Globo, lendo suas receitas para melhoria da alimentação popular, cheia de "macetes". Gente, de frescuras eles entendem, não é mesmo? Esquecem que vomitam as palavras permitidas e que asseguram a manutenção dos que (para

sobreviver) lhes fazem oposição.

E a família, o Estado e a propriedade trocam os seus donos. Explicam sua defesa conjuntural na futura ditadura do proletariado, onde seus tronos vitalícios, ordenam, como num passe de mágica, a mudança superestrutural, para eles escrava da infra-estrutura.

Sinceramente, ou esses caras vegetam, ou pisam na bola I; mentindo e pousando de defensores da liberdade de expressão, correndo-se na defesa das divisões sexuais; esquecendo que exalamos desejos por todos os poros e seguindo à risca o modelo judaico-cristão de moral, (do 38 ao 56) afinadíssimo com a burguesia organicista em seus varais de normalidade, justo em nós, no mundo objeto da concretude do real, esquecendo-se que as fantasias são tanto mais esplêndidas quanto mais se realizem.

Esbarram-se a cada esquina com a liberdade pretensa que seus partidos permitem e são tanto mais nossos amigos quanto mais não desafiamos seus espectros religiosos dogmáticos, não permitindo idéias divergentes que, segundo eles, levariam ao liquidacionismo do partido.

Todo dia, encontramos um sedutor exaltado e frenético, envolvido em mortíferas divisões, optando, quase sempre, pela militância, em troca do esquecimento de suas outras habilidades e criando modos de agir tão transparentes à burguesia que a própria, ao seu lado, não deixa de

aplaudi-los freneticamente. "Não se preocupem, isso se corrige" — palavras do iluminado, que, por coincidência é a vanguarda da vanguarda, ou, se preferirem, o sacerdote a seita — com bíblia e tudo mais. Grandes mentiras de lençóis curtos.

Ter fé num "Deus" babaca que é pai carrasco, me obriga a amar uma única vez uma mulher que vai envelhecer do meu lado

(quem falou que eu quero envelhecer?) ...e agora? como vou amar alguém?

Seu "Deus" me nega o sexo e suas variações

Castiga meus desejos

Pendura no meu tesão pecados mortais

até que ele se canse de tanto lutar

Homem macho, Pai patrão

(e eu de baiana, numa roda de samba, que delícia é o carnaval)

Dançasse geral e arquibancada, ô meu. Sua falcatura interpelou-o no próprio disco que, girando ao contrário, fez de sua dialética escombros de um movimento de ir e vir sem volta; passando por cima de seus cadáveres sem saber o "porquê".

A vitória gritada a todo pulmão, escondeu-se na opressão (que nunca a discutiram e não podem compreendê-la) e fez-se da economia o cavalo de batalha da absorção da liberdade, resumindo o ho-

mem ao simples ato de comer, relegando o pensar apenas ao ato engajado de construir insurreições, ou seja, o sangue com fertilizantes, é mole?

E o mundo gira... gira... gira... Meus pensamentos se confundem com o caos lá fora
Sinto-me apático, gracioso e hipócrita.
Meus olhos saltam esbugalhados.
Ai... sinto uma vontade de vomitar...

Inserido numa realidade "babaca", o homem assim a compreende e continua a conceber idéias que rejeita — em nome de organizações externas a seu conteúdo orgânico — seu íntimo de trabalho para consigo próprio, buscando sentidos para seu "EU" e dessa forma contribuir, decisiva e verdadeiramente, para o fim do dualismo vida X existência.

Ora, não é necessário submeter-se a qualquer grupo; mais importante é "estar junto", embasados no objetivo liberdade, em que "estar junto" não engane o sentimento de liberdade existencial, nem se faça sentir obrigado a contribuir — violentando assim suas concepções de vida; a organização que assim não se fizer, relegará seus membros e suas idéias a meros instrumentos de uso, evitando o crescimento tanto deste, quanto o da corporação, que faz a sua exigência abolicionista.

Duas publicações importantes ao movimento operário

Ao trabalhador também é importante o estudo e o conhecimento de assuntos de seu interesse, publicados em livros ou folhetos. Vivemos num país onde o conhecimento e a leitura têm sido patrimônio dos burgueses, dos pequenos-burgueses e dos intelectuais. A escola que nos é oferecida pelo Estado e pela própria burguesia visa apenas a nos domesticar e a nos embrutecer.

No sentido de uma leitura importante, gostaríamos de noticiar o lançamento de duas recentes publicações que merecem leitura e análise, principalmente por parte daqueles envolvidos com a luta dos trabalhadores. Trata-se do livro "ABC do sindicalismo revolucionário", de Edgar Rodrigues, publicado pela editora Achiamé, e do folheto "O anarco-sindicalismo renasce no Brasil", publicado pelo movimento de reconstrução da COB.

O "ABC do sindicalismo revolucionário" é um livro de 101 páginas em formato de bolso que apresenta documentos históricos com informações básicas. Traz, ainda, propostas do autor quanto à organização estrutural de um novo sindicalismo, no sentido de estabelecer claramente as diferenças entre o sindicalismo revolucionário praticado no Brasil, até que Getúlio Vargas aliado aos marxistas do PCB pro-

curou aniquilar o movimento anarco-sindicalista que predominou até a década de 30, e o sindicalismo colaboracionista e reformista de hoje. Edgar faz críticas a intelectuais da atualidade, que têm escrito livros sobre o movimento operário distorcendo a realidade passada com objetivo de manipular os fatos em benefício de suas ligações ideológicas. É um livro voltado à história crítica que só peca por não trazer melhores informações sobre o movimento anarco-sindicalista brasileiro na atualidade.

Mas essa lacuna deixada por Edgar, felizmente é suprida pela edição do folheto "O anarco-sindicalismo renasce no Brasil". Essa publicação, do movimento pela reconstrução da COB (Confederação Operária Brasileira), tem 32 páginas em formato meio-ofício, traz documentos extraídos do mais recente Congresso Anarco-Sindicalista brasileiro (nov./87), apresentando textos à discussão dos rumos da luta dos trabalhadores por uma sociedade socialista, livre e justa. Assim, trata-se de uma leitura complementar.

Estas publicações indicadas poderão ser facilmente adquiridas através do Serviço de Livraria do Centro de Cultura Social, Caixa Postal 10512 — CEP 03097 — São Paulo, por reembolso postal. Vale a pena.

É o que não pode ser. (Ou: quanto vale a liberdade?)

No dia 21/12/87, fatos lamentáveis ocorreram quando, armado de prepotência e pistolas automáticas, o general reformado Ailton Futuro invadiu as dependências do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Carnes e Laticínios, na Tijuca, por volta das 16 horas e, atirando contra tudo e contra todos, impediu a realização de um show de Rock para lá programado. A maioria dos presentes era composta de adolescentes e seus familiares, que só queriam ouvir e curtir o seu som. O fascista reclamava do barulho das guitarras, sem se dar conta que, na violência das guerras, pelos generais comandadas, a crueza da realidade é muito mais incômoda do que o somatório de todas as guitarras do mundo soando juntas. Abaixo os generais. Abaixo os fuzis e que venham mais guitarras e liberdade de tocá-las.

Autor P.K. (Gajo)



Ilustração "A Revista Anarquica"

O que nós somos, o que nós queremos.

Manifesto do grupo
"SOLIDARITY", de Londres

1. Em toda a parte do mundo, os homens, na sua grande maioria, estão privados de qualquer controle sobre as decisões que afetam a sua vida do modo mais profundo e mais direto. Vendem a sua força de trabalho, enquanto que outros, que possuem ou controlam os meios de produção, acumulam riquezas, fazem as leis e utilizam o aparelho de Estado para perpetuar os seus privilégios.

2. Durante um século, o nível de vida dos trabalhadores subiu. Mas nem esse aumento do nível de vida, nem a racionalização dos meios de produção, nem a chegada ao poder de partidos que afirmam representar a classe operária, modificaram fundamentalmente a situação do trabalhador enquanto trabalhador. E, no exterior da produção, não deram à grande maioria dos homens senão uma margem de liberdade muito relativa. A Leste como a Oeste, o capitalismo não deixou de ser um tipo de sociedade desumana, na qual a grande maioria é oprimida no seu trabalho, manipulada no seu consumo e nos seus ócios. A propaganda e a polícia, as prisões e as escolas, os valores e a moral tradicionais, contribuem para reforçar o poder de uma minoria e para convencer ou obrigar a maioria a aceitar um sistema brutal, degradante e irracional. O mundo "Comunista" não é comunista, e o mundo "Livre" não é livre.

3. Os sindicatos e os partidos "operários" foram originariamente criados para modificar essa situação. Mas todos acabaram por se adaptar de uma ou outra maneira às formas de exploração existentes. Na prática, transformaram-se hoje em engrenagem essencial ao funcionamento "normal" da sociedade de exploração: os sindicatos servem de intermediários no mercado de trabalho, os partidos políticos utilizam as lutas e as aspirações da classe operária para fins que lhes são próprios. A degenerescência das organizações da classe operária, ela própria um resultado da degenerescência do movimento revolucionário, contribuiu de modo decisivo para mergulhar na apatia a classe operária, e essa apatia levou por sua vez a uma maior degenerescência dos partidos e sindicatos.

4. É uma ilusão julgar que os sindicatos e os partidos políticos podem ser reformados, "conquistados", ou convertidos em instrumentos da emancipação dos trabalhadores. Não queremos, no entanto, criar novos sindicatos — que, nas condições atuais, teriam um destino semelhante ao dos que os precederam. Também não pedimos aos militantes que rasgarem os seus cartões sindicais. O que queremos é simplesmente que os próprios operários decidam acerca dos objetivos das suas lutas, e que a direção e a organização dessas lutas não escapem. As formas que podem tomar es-

GREVE TOTAL



sa atividade autônoma dos trabalhadores podem variar consideravelmente de país para país e de indústria para indústria, mas não o seu conteúdo essencial.

5. O socialismo não é apenas a apropriação e a direção coletivas dos meios de produção e de distribuição. O socialismo implica além disso a igualdade, a liberdade real, o reconhecimento recíproco e a transformação radical de todas as relações humanas. Ele é "a consciência de si positiva do homem", a compreensão pelo homem daquilo que é o seu envolvimento e do que ele próprio é, o seu domínio sobre o seu trabalho e sobre as instituições sociais que deverá criar. Não são, esses, aspectos secundários, que se seguirão automaticamente à exploração da antiga classe dominante. Tratam-se, pelo contrário, de elementos essenciais do processo de transformação social no seu conjunto, e sem os quais não poderá haver verdadeira transformação da sociedade.

6. Uma sociedade socialista não pode pois ser construída a não ser partindo da base — "a partir de baixo". As decisões relativas à produção e ao trabalho devem ser tomadas por Conselhos de trabalhadores composto por delegados eleitos e revogáveis. As decisões noutros setores devem ser tomadas partindo da discussão e da consulta o mais ampla possível do conjunto da população. Aquilo que entendemos por "poder dos trabalhadores" é precisamente essa democratização da sociedade no seu próprio funda-

mento.

7. Para os revolucionários, as únicas ações providas de sentido são as que permitem aumentar a confiança, a iniciativa, a participação, a solidariedade, as tendências igualitárias e a autonomia das massas e que contribuem para desmistificá-las. Deve ser considerado como estéril e nocivo tudo o que reforça a passividade das massas, a sua apatia, o seu cinismo, a sua diferenciação hierárquica, a sua alienação, o seu abandono a outros de tarefas que elas próprias deviam executar, e portanto o grau em que podem ser manipuladas por outros — mesmo por aqueles que pretendem "servi-las".

8. Nenhuma classe dirigente na história abandonou o poder sem luta, e não parece que aqueles que atualmente nos governam possam ser exceção. O poder só lhes será arrancado através da ação autônoma da grande maioria. A construção do socialismo implica a consciência e a participação das massas. Mas a estrutura hierárquica rígida, as idéias e a prática, tanto de tipo social-democrata como de tipo bolchevique, de organização, impedem o desenvolvimento dessa consciência e impedem essa participação. A idéia de que o socialismo possa ser, de um modo ou de outro, obra de um partido de "elite", por mais "revolucionário" que seja, agindo "em nome" da classe operária, é ao mesmo tempo absurda e reacionária.

9. Rejeitamos a idéia segundo a qual a classe operária, com suas úni-

cas forças, não poderia atingir mais do que uma consciência "trate-unio-nista". Julgamos pelo contrário que as suas condições de vida e a sua experiência na produção levam constantemente a classe operária a adaptar normas e valores, e a criar formas de organização, que põem em caos a ordem social estabelecida e o tipo de pensamento que corresponde a essa ordem. E que essas respostas à sua situação têm portanto um conteúdo socialista implícito. Por outro lado, é verdade que a classe operária não é homogênea, que não dispõe dos meios de comunicação, e que, neste ou naquele momento, os seus diversos setores atingem graus diferentes de lucidez e de consciência. A função da organização revolucionária é contribuir para que a consciência proletária tenha um conteúdo explicitamente socialista, fornecer uma ajuda prática aos operários em luta e facilitar a troca de experiências e de ligações entre grupos de trabalhadores separados geograficamente.

10. Não queremos ser uma "direção". Queremos ser um instrumento da ação dos trabalhadores. A função dos Anarquistas é ajudar todos aqueles que, na indústria e na sociedade no seu conjunto, entram em conflito com a estrutura social autoritária atual; ajudá-los a generalizar a sua experiência, a fazer uma crítica global da sua condição e das suas causas, e a desenvolver a consciência revolucionária de massa indispensável para a transformação total da sociedade.

O INÍMIGO
DO REI



VAMOS VIVER

SEM VIOLÊNCIA

SEM GOVERNO

SEM PARTIDO

SEM IGREJAS

SEM PRECONCEITOS

SEM POLÍCIA